

DF. Cinema

Grupo de pessoas interessadas na sétima arte desenvolve aqui em Brasília projeto de curtas experimentais em 16mm

Raimundo Paccó



Clarice Cardell (à frente) e cerca de 25 figurantes participam de *Histórica*, filme de Joana Praia sobre a descoberta da feminilidade, que dá seqüência a uma série da qual já fazem parte *O Olhar* e *O Grito*

CINÉFILOS DE TEORIA E PRÁTICA

Gustavo Galvão
Especial para o **Correio**

COMENDO PELAS BEIRADAS, O NOVÍSSIMO CINEMA CANDANGO NÃO PÁRA DE PRODUZIR. NOVÍSSIMO PORQUE ESTÁ COMEÇANDO A GANHAR FORMA, MESMO QUE A PRODUÇÃO DE FATO SE RESTRIJA APENAS A CURTAS-METRAGENS EM 16MM.

Nada de longas ou curtas em 35mm, feitos na medida para o circuito e festivais de grande porte. Por enquanto, ainda é hora de experimentar, inovar e agitar como nunca o

meio cinematográfico da cidade.

Os responsáveis por tamanha pretensão (no melhor sentido da palavra) respondem por um nome apenas: Cabeçassol, ex-Grupo de Cinema e Vídeo da Universidade de Brasília. Sem nenhum vínculo oficial à universidade, o Cabeçassol é, na verdade, um centro de idéias que giram em torno de cinema, a partir de interessados e estudantes com o objetivo único de fazer de tudo na área: de programas de rádio a mostras e filmes, é claro.

Apesar de ter sido formado há um ano e meio, o primeiro passo foi dado em agosto de 1997. Foi quando o grupo de 20 integrantes entre 19 e 27 anos organizou uma retrospectiva em homenagem a Carlos Reichenbach, acompanhado de um curso de roteiro ministrado pelo próprio cineasta. Enquanto os próximos projetos não se concretizam, chegou o momento de

colocar em prática o desejo irremediável de fazer cinema.

Esta é a função do projeto *Curtas Mudos*, que já rendeu dois curtas em 16mm rodados em janeiro e que agora dá chance para um terceiro trabalho, no mesmo formato: *Histórica*. Com cerca de 25 figurantes, o filme de Joana Praia, 23 anos, saiu do papel graças às parcerias informais com firmas como a Thor Filmes e Quanta, além do Pólo de Cinema. "Não temos verba nenhuma. É produção independente mesmo", define Joana, que vai tirar do bolso apenas R\$ 400 de um orçamento calculado em torno de R\$ 6 mil.

Histórica — sobre a descoberta da feminilidade — dá seqüência a uma série de produções de caráter experimental — iniciada com *O Olhar*, de André Nascimento, e *O Grito*, de Thiago Mendonça —, baseadas em sonhos, filmadas sem som direto (por isso mudos) e contando com

ruídos, músicas e, na melhor das hipóteses, poucos diálogos.

"Tudo começou quando resolvemos preparar um roteiro, que deveria estar pronto para ser rodado em uma semana. Ele deveria ser curto, de até três minutos, para que não tivéssemos problema em fazê-lo", explica Aurélio Aragão, 21 anos, que está em ponto de bala para dirigir o seu *Cá e Lá*.

Assim como todos os filmes produzidos à base da camaradagem — onde ninguém cobra cachê —, *Cá e Lá* será exibido em uma mostra organizada pelo próprio Cabeçassol. "Com trilha sonora ao vivo", promete Aurélio, que prepara os moldes de um programa para a rádio Cultura sobre trilhas no cinema, outra iniciativa do grupo.

"Foi uma forma que a gente encontrou de quebrar a apatia não só de produção, como também de discussão sobre cinema na

cidade", justifica Roberto Robalinho Lima, 19 anos, que, ao lado de Thiago Mendonça, 20, é o único do grupo a cursar cinema na Universidade de Brasília.

Os fundadores, André Nascimento, 27 anos, e Marcelo Díaz, 22, formaram-se no semestre passado em publicidade. Uma carreira que perdeu espaço, ao menos por enquanto, para a necessidade de empunhar uma câmera e pensar em roteiros futuros.

Hoje, além de tocarem o "muitirão" para frente, armam-se de disposição para rodar *A Dança da Espera* e *W-3*, seus respectivos curtas agraciados no último edital do Pólo com R\$ 20 mil cada, que nada têm a ver com o *Curtas Mudos*. "Só penso nesse filme agora", confessa Marcelo. "Ainda falta montar e finalizar", atropela-se André, ainda enrolado com os últimos acertos de *O Olhar*.